

Entrevista com Marcelo Maluf

por

Shirley de Souza Gomes Carreira¹

Marcelo Maluf é escritor e professor de criação literária. Graduou-se em Arte-educação (2004) e fez mestrado em Artes, (2007) ambos pelo Instituto de Artes da UNESP. Em 2013, foi contemplado com a Bolsa de Criação Literária do Governo do Estado de São Paulo (ProAc) para escrever o seu romance *A imensidão íntima dos carneiros* (Editora Reformatório, 2015). Livro Finalista do Prêmio da APCA – 2015, Finalista do Prêmio Jabuti, 2016 e Vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura, 2016, na categoria autor estreante com mais de 40 anos. Escreveu ainda o livro de contos *Esquece tudo agora* (Editora Terracota, 2012), o infantil *As mil e uma histórias de Manuela* (Editora Autêntica, 2013), livro selecionado pelo PNLD- PNAIC (2014), e os infantojuvenis *Jorge do Pântano que fica logo Ali* (FTD, 2008), e *Meu pai sabe voar* (FTD, 2009) este em parceria com Daniela Pinotti – livro selecionado pela FNLIJ para o catálogo da Feira de Bolonha - 2010. Tem contos publicados em diversas antologias e revistas literárias.

Soletras: Marcelo, em primeiro lugar, eu gostaria que me falasse sobre essa passagem do Mestre em Artes para o escritor. Acho que boa parte do público não sabe que sua formação acadêmica é na área de Artes.

Pois é. Eu vislumbrei durante um bom tempo uma carreira acadêmica, gosto de pesquisar e de dar aulas, mas quando terminei o mestrado percebi que o meu caminho era a literatura de ficção. Como pesquisador, eu percebi que minha verdadeira vocação era o texto literário. Sou um apaixonado pelas artes visuais e pela história da arte, mas o processo criativo da ficção falou mais alto. Então, decidi que iria me dedicar a literatura

¹ Shirley de Souza Gomes Carreira é Doutora em Literatura Comparada, Professora Adjunta do Departamento de Letras da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, docente do Mestrado em Estudos Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UERJ, líder do grupo de pesquisa “Poéticas da diversidade”, cadastrado no CNPq, e editora-chefe da revista *Soletras*. shirleysgcarr@gmail.com.

e não a pesquisa. Poderia fazer os dois, eu sei, mas realmente não era o meu caso. Resolvi meu desejo por dar aulas ministrando oficinas de criação literária.

***Soletras:** Antes de **A imensidão íntima dos carneiros**, você publicou um livro de contos e livros para crianças e adolescentes. **As mil e uma histórias de Manuela**, por exemplo, narra a história de uma menina que comia livros. Como é o seu diálogo com esse público infantil e infantojuvenil? Como é a experiência de escrever para esse público?*

Em verdade, eu havia decidido só escrever para crianças e jovens. Pensei num caminho literário que contemplasse esse público. É claro que se for boa literatura será para todas as idades. Mas quando me deparei com a história do meu avô, percebi que a narrativa não poderia ficar na frequência do que chamamos de literatura infantil. Então veio o romance. Tomei gosto pela prosa longa e agora quero voltar a escrever literatura infantil e juvenil. Tenho com minha esposa alguns projetos engavetados. Nós já escrevemos um livro juntos chamado “Meu pai sabe voar” (FTD, 2009), agora a ideia é retomarmos essa parceria. Gosto muito da literatura produzida para crianças e jovens e acompanho de perto. Em verdade, acho estranho que se faça uma distinção tão marcada. Entendo os motivos educacionais e comerciais, mas enquanto literatura não separo a ficção adulta da escrita para crianças. Leio ambas com a mesma vontade. Boa literatura é boa literatura. O resto é ficha catalográfica.

***Soletras:** Em 2013, você foi contemplado com a Bolsa de criação literária do Governo do Estado de São Paulo (ProAc) para o seu romance **A imensidão íntima dos carneiros**, que é uma obra singular, em que você joga com a memória, mas, ao mesmo tempo, com uma atmosfera onírica, permeada por elementos fantásticos. Gostaria que falasse um pouco sobre o processo de escrita desse romance?*

Sempre fui um apaixonado pelo tema da memória na ficção, assim como da literatura fantástica, do fantástico maravilhoso dos contos populares, do realismo fantástico e da fantasia. Lidar com uma história que estava carregada de elementos familiares tão próximos a mim não foi fácil. Percebi que o realismo memorial, não daria conta do que eu gostaria de explorar. Por isso o viés onírico e o imaginário fantástico vieram para me salvar e dizer o que eu não poderia sem o auxílio deles.

***Soletras:** Tenho observado que, de alguns anos para cá, houve uma espécie de boom de obras literárias voltadas para questões relacionadas ao cenário mundial contemporâneo, como os romances sobre a imigração e seus efeitos, as diásporas, o exílio, o holocausto, as ditaduras etc. Muitas dessas obras recorrem à estratégia da autoficção e constituem formas de ressignificação de um trauma. Como você interpreta esse panorama da literatura contemporânea?*

Acredito que são temas que estão na ordem do dia, esse acerto de contas é necessário, seja para curar um trauma ou simplesmente para contar uma boa história e nos colocar diante dos efeitos desastrosos e criminosos da opressão, do preconceito, da intolerância, etc. Quanto à estratégia da autoficção na literatura contemporânea, acredito que seja um sintoma, uma resposta, um olhar. Mas não é o único. Meu romance muitas vezes é citado (engessado) dentro do rótulo da autoficção, o que é uma pena. Não que não haja nele elementos que possamos encontrar para citá-lo como autoficção, mas eu prefiro chama-lo de autobiografia fantástica. Tem viagem no tempo, animais que falam, fantasma, Djinn, etc. (RISOS) A autoficção não trata disso exatamente. Enfim, mas essa é apenas uma leitura.

***Soletras:** O Clube de Leitura do SESC 24 de maio está promovendo um ciclo de encontros sobre livros que falam de sobre migração e refúgio. São obras que tratam da experiência da migração por uma modalidade da ficção contemporânea configurada em uma poética da alteridade que ultrapassa as fronteiras do imaginário nacional e*

explora a geografia imaginária da diferença cultural. Como curador e mediador desses encontros, queria que me falasse da receptividade do público às questões que essas obras trazem à baila.

Mediar Clubes de Leitura é outra paixão. Fomentar a leitura é, em especial, nos dias atuais, um ato de resistência. A recepção é sempre transformadora para quem media e para quem participa. Ouvir a multiplicidade de leituras de uma obra, exercitar o pensamento crítico e sensível diante de uma obra, compartilhar ideias, reflexões e opiniões tendo como tema a obra de alguma autora ou autor é, em minha opinião, a missão de um bom livro. O seu caminho é encontrar leitores e ser lido, relido, debatido e apreciado. Eu gostaria que, em cada esquina desse país tivesse um clube de leitura. Sem dúvida, isso faria muita diferença.

Soletras: *Muitas têm sido as discussões sobre o papel performático do autor, o retorno do autor como indivíduo ativo no cenário atual. Você não se furta a um posicionamento político nas redes sociais. Até que ponto o extraliterário dialoga com o literário?*

Como cidadão eu me manifesto nas redes sociais e nas ruas. Mas o cidadão que eu sou, também é o escritor. Como separar? Acho fundamental para qualquer democracia que as pessoas se manifestem. É preciso dizer, não calar diante de tanta atrocidade. Em meu texto literário acredito que seja possível perceber o cidadão no escritor. Afinal de contas, nós somos um. Enquanto escrevo, eu vivo a vida também, não é? Como não? É um processo natural. Escrevo meu texto e leio notícias. Escrevo meu texto e vejo a vida. Vivo e Escrevo e sei que escrever é parte disso tudo, não algo fora. O que quero dizer é que minha literatura carrega quem eu sou e vice-versa.

Soletras: *A imensidão íntima dos carneiros começa com a seguinte frase: “O medo estava no princípio de tudo”. Ao lê-la pela primeira vez, senti um impacto muito forte, porque vivemos hodiernamente com uma sensação de medo que atinge diferentes*

esferas: política, social, psicológica. Senti que, ao contar a história, com dados que são particulares, o narrador fala de um medo emblemático, que corrói as nações contemporâneas. Gostaria que comentasse essa universalidade gerada por um medo particular.

O medo que é particular também é universal de alguma maneira. Somos integrantes de um mesmo planeta e interdependentes, o medo em mim reverbera em você, e pode ser interpretado e sentido a partir de seu lugar, situação, experiência. Logo, nos reconhecemos no outro e o outro em nós. A ideia de universalidade gerada por um medo particular está aí, nessa comunicação subjetiva da realidade comum e compartilhada. Nós não estamos sozinhos.

***Soletras:** Em todos os livros que você publicou, há um elo muito forte com a literatura árabe e com a literatura fantástica em geral. Em *A imensidão íntima dos carneiros*, o entrecruzamento da experiência humana com o fantástico aponta para uma tentativa de superação das tragédias pessoais das personagens. Assim, eu gostaria de saber um pouco mais do Marcelo Maluf leitor e das possíveis filiações da sua escrita ficcional.*

Vou responder a essa pergunta com uma pequena lista de prosadores e poetas que me marcaram e acredito me influenciam até hoje: Hermann Hesse, Nikos Kazantzákis, Rumi, Murilo Rubião, José J. Veiga, Fernando Sabino, Clarice Lispector, Murilo Mendes, São João da Cruz, Alejandro Jodorowsky, Neil Gaiman, Juan Rulfo, Italo Calvino, Elias Khoury, Tolstói, Franz Kafka, Lygia Fagundes Telles, entre tantos outros e outras. Ou seja, não há aqui uma linha, um único caminho. Mas acredito que, de alguma maneira, esses autores reverberam em mim. Mas também não posso deixar de citar o livro das mil e uma noites e a tradição dos contos populares, que sempre estão entre minhas leituras.

Soletras: *Você esteve recentemente na Abu Dhabi International Book Fair, participando de uma mesa intitulada “Brazilian literature: third culture”, que versava sobre o reflexo do cruzamento de culturas na literatura brasileira. Na ocasião, foi lançada a antologia **Da diáspora para a terra natal**, que contém um texto teu. Qual o impacto dessa participação?*

O impacto é perceber o quanto pode a literatura. O quanto pode se comunicar, mesmo que restrita hoje, ainda mais, a pequenos grupos. No mundo todo se lê menos ficção literária do que antes. Mas ter um texto traduzido é vislumbrar novos leitores. E esse impacto é o que mais me encanta, é o que mais me interessa.

Soletras: *Para finalizar, já há algum novo livro em andamento? Como é a sua rotina de escrita?*

Estou no meio do caminho da escrita do novo romance. Um texto que se iniciou quando eu estava finalizando o *Imensidão*. Passou por muitas versões e agora creio que chegou ao que eu queria, ou podia. Está a caminho.

Minha rotina é lenta, é um processo de escuta da história para encontrar os detalhes que irão compor o que tenho para contar, encontrar as palavras, e depois me ponho a escrever. Escrevo, leio, releio, reescrevo. Escrevo. Mas é sempre escrevendo que encontro o caminho.

Não tenho hábitos marcados, apenas sento e me ponho a escrever. Mas gosto de ouvir música enquanto escrevo. Ouço Philip Glass, Piazzolla, Moby, Bach, Mantras, Ravi Shankar, Radiohead, etc...

Referências

MALUF, Marcelo. *A imensidão íntima dos carneiros*. São Paulo: Reformatório, 2015.

_____; SANTIAGO, Weberson. *As mil e uma histórias de Manuela*. São Paulo: Autêntica, 2013.

_____; PINNOTI, Daniela. *Meu pai sabe voar*. Rio de Janeiro: FTD, 2009.

_____. *Jorge do pântano que fica logo ali*. Rio de Janeiro: FTD, 2008.

Entrevista concedida em 08 de maio de 2019.